



ENCONTROS E CAMINHADAS COM MARIA GERALDA DE ALMEIDA

ENCOUNTERS AND WALKS WITH MARIA GERALDA DE ALMEIDA

ENCUENTROS Y CAMINOS CON MARIA GERALDA DE ALMEIDA

Maria Augusta Mundim Vargas

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO)
da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
E-mail: guta98@hotmail.com.br

RESUMO:

O texto traz a trajetória de Maria Geralda de Almeida pelo olhar subjetivo de quem a descreve. O alinhamento acadêmico de sua produção é exposto em duas partes que se entrecruzam: a primeira trata dos “encontros” que demarcaram os rumos de sua caminhada e, a segunda, as direções que tomou decorrentes de seus “encontros e caminhadas”. Acadêmicos e gentes são sinalizados tanto quanto instituições e lugares com a intenção de mostrar sua produção geográfica e a singularidade do seu fazer.

Palavras-chave: geografia cultural; etnogeografia; Maria Geralda de Almeida.

ABSTRACT:

The text brings the trajectory of Professor and Geographer Maria Geralda de Almeida through the subjective look of those who describe it. The academic alignment of his production is exposed in two intertwining parts: the first deals with the "meetings" that marked the course of his “walk”, and the second, the directions he took from his "meetings and walks". Scholars and people are signaled as much as institutions and places with the intention of showing their geographical production and the uniqueness of their do.

Keywords: cultural geography; etnogeography; Maria Geralda de Almeida.

RESUMEN:

El texto trae la trayectoria de Maria Geralda de Almeida por la visión subjetiva de quien la describe. El alineamiento académico de su producción es expuesto en dos partes que se entrecruzan: la primera trata de los “encuentros” que demarcan los rumbos de su caminata y, la segunda, las direcciones elegidas decurrentes de sus “encuentros y caminatas”. Académicos y personas son señaladas tanto como instituciones y lugares con la intención de mostrar su producción geográfica y la singularidad de su quehacer.

Palabras clave: geografía cultural; etnogeografía; Maria Geralda de Almeida.

1 INTRODUÇÃO

Em textos comemorativos predomina a ideia de que o autor conheça o homenageado suficientemente para expor sua vida, no caso, a vida acadêmica, em que pese a produção na pesquisa, no ensino, na extensão e nos múltiplos vieses que o tripé universitário proporciona àqueles de mente fértil. Não tenho a pretensão, aqui, de traçar a trajetória acadêmica de Maria Geralda de Almeida, mas sim pincelar pelos encontros e caminhadas compartilhadas desde 1985, sobretudo, a importância de seus comportamentos e atitudes.

Ao aceitar a produção deste artigo, espero despertar nos leitores a importância de se observar os detalhes tais como os gestuais suaves, a fala pausada em tom baixo, o ritmo vigoroso das passadas e a constante anotação, aparentemente, de tudo que está em volta. Mais e para além dos registros pessoais de fatos passados, perceberão que Maria Geralda é exposta para o futuro, nas entrelinhas e nos detalhes de sua caminhada.

Entre os encontros e as caminhadas compartilhadas, observadas, respeitadas e compreendidas, o futuro esperado é apercebido pelas múltiplas dimensões do sentido de lealdade de quem não falta às promessas que faz; que é proba, honesta, honrada. E assim, de pronto, já delimito que não tenho a pretensão de traçar uma análise rigorosa da produção e da contribuição de Maria Geralda para a Geografia brasileira, mas apresentar a exposição da dimensão de sua honestidade para com a vida, para com a Geografia e para com os geógrafos.

Destarte, estabelecer um alinhamento acadêmico seria tarefa inglória ao tratar de alguém que se mostra e se joga de forma tão singular na vida que me encorajou a arriscar essa produção em duas partes que se entrecruzam. Tanto em uma como na outra, procurei expor pelo alinhamento do tempo, porém como não há encontros sem caminhadas e tampouco caminhadas sem encontros, busco expor na parte que segue essa introdução – Encontros –, pessoas que, se não moldaram, colaboraram com suas decisões e clareamentos em sua caminhada. Na parte seguinte – Encontros e Caminhadas –, as pessoas são importantes, mas já amadurecida pela vida, elas são encontradas nas instituições, nos grupos de pesquisa e nos encontros acadêmicos que reconhecem sua Geografia.

2 ENCONTROS

A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.
(‘Poetinha’ Vinicius de Moraes)

Nos primeiros anos da década de setenta do século passado (referência intencional e chocante), eu concluía meu curso de Geografia e pouco observei a moça loura de cabelos longos que vinha de outra instituição e que frequentou algumas disciplinas com ‘minha’ turma. Sim! Minha turma, seriada, era aquela que havia ingressado na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1971, e Maria Geralda passou pela turma anterior de Ceres e Júlio Cesar, pela minha e pela posterior, de Manuela e Zeneide, para conseguir os créditos suficientes e concluir o curso de Geografia. Tempos difíceis politicamente, tempos de turmas, grupinhos e falas contidas.

Quando nos encontramos, em 1985, já na Universidade Federal de Sergipe, eu mestranda e ela professora, lembramos uma da outra e até nos encontramos em fotos do I Encontro Nacional de



Geógrafos em Presidente Prudente (1972!). Infelizmente não cursei disciplina com Maria Geralda, por já haver concluído os créditos, e, logo em 1987, ela se transferiria para a Universidade Federal do Ceará.

Em Sergipe nos cruzamos em reuniões de planejamento urbano e regional dos governos estadual e municipal, mas, principalmente, nas reuniões festivas e intelectuais em nossas casas, com destaque para o especial acolhimento de Dieter Heidemann, meu orientador. Desses encontros, ela aceitou compor a banca de defesa de minha dissertação e inesquecível foi a forma como me acalmou desde a véspera sem, contudo, avançar em consolos de conteúdo acadêmico, o que me fez admirá-la ainda mais.

A Maria Geralda foi contratada como professora visitante da Universidade Federal de Sergipe pelo frescor de sua formação, recém-doutora, e pela experiência na Universidade Federal do Acre, com passagem rápida pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Acre e pela Universidade Federal de Rondônia. Ora, em menos de uma década, encara desafios acadêmicos e de gestão da realidade amazônica e se gradua em Mestre e Doutora na França, pela Universidade de Bordeaux. Sua vinda deu-se pela postura visionária de José Alexandre Felizola Diniz que, ao criar e assumir a coordenação do curso de mestrado em Geografia, primeira pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, procurou criar uma ambiência de produção diversa, temática e epistemologicamente. Assim, Maria Geralda se inseriu e se posicionou juntamente com positivistas clássicos e neoclássicos e materialistas históricos que contribuíram com disciplinas e seminários, para a minha formação e, certamente, para as pegadas futuras de minha amiga que ora homenageio, dentre eles, Dieter Heidemann, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva e sua esposa Barbara-Christine Nentwig Silva, ambos colaboradores da Universidade Federal da Bahia, Manoel Correa de Andrade e Tânia Bacelar de Araújo da Universidade Federal de Pernambuco, Rosa Ester Rossini da Universidade de São Paulo, Paul Claval da França e Silvana Levi de Lopes da Universidade Autônoma do México.

A Maria Geralda ‘que não encontrei’ mostra, em seu *curriculum*, que sua chegada em Sergipe se deu um mês após defender a Tese de Doutorado em Geografia Tropical em maio/1985, intitulada *Experiências de colonização rural no Estado do Acre, na Amazônia brasileira*. Antes da dedicatória, apresenta-se um extrato do poema de Bertolt Brecht *A exceção e a regra*, coincidentemente o mesmo trecho que extrai para o meu convite de casamento: Que tudo que seja dito habitual cause inquietação; na regra é preciso descobrir o abuso e, sempre que o abuso for encontrado, é preciso encontrar o remédio. Já a dedicatória, que ocupa o espaço superior da página aos encontros do Acre, diz: *Aos meus amigos do Acre dedico essa lição de Geografia, resultado da*

lição de vida que souberam me dar. E, o espaço inferior da mesma pagina àqueles que soltaram suas mãos pelo caminho: Aos pobres de espírito, de sua mesquinhez fiz meu desafio e alento; É de vocês também este trabalho.

Ela ainda conta casos desses tempos, em que a boca grande se abre em sorrisos largos ao falar de muitos: Dagoberto, Lu de Souza, Joaquim Caixeta, Mário Lima, Núbia Cavalcanti, Hélio Costa, Ricardo Ramires, Acyr Jorge, Sandra da Rosa, Ailton Luchiari, Luis Eduardo Pedroso, Lila e Francisco Carlos Cavalcanti. São esses os amigos da dedicatória que se mantêm presentes, seja pelos encontros, seja pelas lembranças.

Porém, a envergadura de seu caráter perseverante, persistente, detalhista e teimoso está assinalada nos conteúdos, na estrutura e na formatação dos textos depositados no Centro de Estudos de Geografia Tropical da Universidade de Bordeaux, objetivando a obtenção do título de *Doutora em Geografia Tropical: ecologia, organização do espaço e desenvolvimento*. Assim sendo, considerando o memorial apresentado para a obtenção do Diploma de Estudos Aprofundados, o leitor já se dá conta da coragem da mineira, nascida em Campo Azul, cuja toponímia e localização fazem jus à sua inserção na ‘área mineira da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste)’, ou seja, na porção do Estado de Minas Gerais pertencente à região semiárida brasileira. O texto se desenvolve em três partes demonstrativas dos constitutivos do ambiente florestal tropical - meio físico, utilização dos solos e estudos cartográficos e metodológicos - que, encadeantes, justificam os argumentos finais de proposição da tese, pela diversidade dos ambientes tropicais florestais, mas, sobretudo, pela carência de estudos sobre a porção que se propôs a estudar, conforme abaixo descrito:

Notre objective pour le Troisième Cycle est de faire une étude des paysages et de l’action de l’homme sur le milieu géographique dans le Sud-Est de l’état de l’Acre, Brésil. Cette région de forêt dense, y correspondant à la sub-région des bas plateaux de l’Amazonie, jusqu’aux marges du fleuve Rio Acre, a connue de profondes et rapides transformations pendant la dernière décennie, raison pour laquelle nous la considérons représentative et significative pour une étude (ALMEIDA, 1982, p. 114)¹.

Também datilografada, a tese traz em suas 408 páginas 35 ilustrações, sendo a maioria de fotos coloridas, diretamente coladas no corpo do texto. As três partes se desenvolvem pela seguinte exposição: i) A natureza e os homens; ii) Modos e níveis de vida dos habitantes rurais; iii)

¹ Tradução livre: “Temos como objetivo no Doutorado realizar um estudo das paisagens e da ação do homem sobre o meio geográfico no Sudeste do estado do Acre, Brasil. Esta região de floresta densa, que corresponde à sub-região dos platôs da Amazônia até as margens do rio Acre, é palco de profundas e rápidas transformações desde a última década, razão pela qual a consideramos representativa e significativa como objeto de estudo”.



transformações do espaço e suas consequências. Estes títulos anunciam os conceitos e categorias que deram suporte para a relevância de sua contribuição para o conhecimento da realidade do estado do Acre, bem como: paisagem, região, espaço, ecossistema, modo de vida, nível de vida, políticas de governo, estrutura fundiária, utilização do solo, transformações do espaço. Ademais, as suas 314 referências são cuidadosamente apresentadas e classificadas por temas que se alinhavam com os propósitos da tese. Desse modo, podemos citar como exemplo os títulos referenciados nas '*Obras gerais*', os quais dão conta da universalidade de sua produção ao trazer o pensamento dos geógrafos contemporâneos e autores que tratavam do mundo tropical em seus mais variados aspectos, dentre eles, Pierre George, Pierre Gourou e Jean Demangeot; sobre o '*Brasil*', destacam as contribuições basilares de Aziz Ab'Saber e Orlando Valverde; e, sobre a '*Amazônia*', consideram a contemporaneidade de quem a discutia e expunha, tal como Fernando Henrique Cardoso, Geraldo Muller, C. M. Pandolfo, Otávio Guilherme Velho, brasilianistas como H. Thery e W. C. Sombroek, M. Foucher, e, ainda, pesquisas oriundas de órgãos nacionais como Sudam, Embrapa e Cedeplar, além de latino-americanos como IICA².

A disposição, o preparo e a disponibilidade para novas empreitadas continuam sendo demarcadas ao associar-se aos professores Vânia Fonseca e Edivaldo Rosas (socióloga e doutora em Geografia e biólogo mestre em limnologia, respectivamente) na execução de uma pesquisa multidisciplinar que aborda os aspectos socioambientais dos açudes sergipanos, tanto que a docente não se desligou da Universidade Federal de Sergipe, permanecendo como colaboradora até os dias atuais.

Já atuando como professora concursada na Universidade Federal do Ceará, Maria Geralda ministrou disciplinas e orientou dissertações no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS, desde sua terceira turma; participou da criação, sob a coordenação de Vânia Fonseca, do Programa Interdisciplinar de Pesquisa sobre o Semiárido que, posteriormente, constituiu o Núcleo de Estudos do Semiárido que integrou a formação do primeiro Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Meio Ambiente do país, a Rede Prodema.

Foi nesse contexto e após o ano de 1990, quando eu retorno da França, onde concluí o Diploma de Estudos Aprofundados, que iniciamos uma parceria de trabalho permanecendo até os dias atuais.

Do meu ponto de vista, o período passado como professora da Universidade Federal do Ceará (1987 a 1997) foi, para ela, como um divisor de águas em várias direções e dimensões. Lá

² Sudam: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia; Embrapa: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; Cedeplar: Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais; IICA: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, vinculado à OEA, Organização dos Estados Americanos.

conviveu com José Borzachiello da Silva, Clelia Lustosa e seu esposo Valmir, Zenilde Amora e seu esposo Francisco, Edson Cacao da Silva, Jeovah Meireles, Eustógio Wanderley Dantas, Levi Sampaio, Eurípedes, Vânia Melo e, na Universidade Estadual, com Luzia Neide Coriolano e Luiz Cruz Lima. Em casa, teve todo o amparo de Dona Coraci, que ainda o faz no apartamento que mantém em Fortaleza.

Entre diversas formações dos colegas e temáticas em que se envolveu, Maria Geralda consolidou o senso de grupo com o qual se posiciona em audiências públicas, é consultada pelo Conselho Regional de Engenharia, é solicitada pela imprensa, produz significativamente e, sobretudo, discute frequentemente através da participação e produção de eventos. Pela UFC, fez seus primeiros pós-doutoramentos em Geografia Humana e Cultural nas Universidades de Genova (Itália), Sorbonne (França) e Laval (Canadá), entre 1989 e 1991 e, em decorrência dessas trocas, iniciou uma produção sobre Geografia e Turismo, com aproximação aos estudiosos do tema. Como resultado da sua atuação na UFC, foi convidada a participar do *staff* do Governo do Estado como Diretora das “Casas de Cultura do Ceará”, no ano de 1995, creio, atuação esta que muito influenciou no direcionamento e consolidação de seu olhar para a dimensão cultural.

Em 1997, se aposenta e aceita o convite de Ciro Lisita para ingressar no quadro do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA, da Universidade Federal de Goiás sem, contudo, desvincilhar-se dos programas de Pós-Graduação e das pesquisas no Ceará, em Sergipe e em Pernambuco, onde, neste último, orientou quatro dissertações entre os anos de 1994 e 2000. A situação de ‘assentamento definitivo’ na UFG, no sentido de visibilidade de sua atuação, iniciada com os Kalungas, perdurou aproximadamente dois anos. Nesse período, cabe registrar nosso grande encontro com o campo, na realização de pesquisa sobre a dimensão cultural do Baixo São Francisco Sergipano, que se desenvolveu em duas etapas. Na primeira (1997), desbravamos cinquenta povoados e sedes do Alto Sertão do estado de Sergipe e, na segunda (1999), sessenta e sete no Baixo São Francisco. Foram muitas viagens longas em que dormíamos em pousadas, em casas de família e, em dois momentos no ‘luxo’ do alojamento da UFS, na vila Xingó (próximo à barragem do São Francisco de igual nome), e no Hotel Velho Chico, na cidade ribeirinha de Propriá, de onde partíamos para o campo de seus arredores.

Com esse estudo, pensamos introduzir a dimensão cultural nos planos de desenvolvimento, partindo do “pressuposto que o cotidiano é um instrumento do desvendamento das expressões culturais, da complexa relação natureza-sociedade sertaneja, que são elementos a serem considerados quando políticas propostas objetivam transformações no universo global destes homens” (ALMEIDA; VARGAS, 1997, 1999). O sertanejo mostrou-se diverso em suas práticas,



côncio de suas heranças, com múltiplos mecanismos de sobrevivência e de convivência com o meio, no entanto, foram as mulheres quem mais nos chamaram a atenção, pois sustentavam uma imbricada rede de artesanato de bordados sem se exporem como importante base da economia do semiárido. Da grande equipe coordenada por Vânia Fonseca, destaca-se Eduardo Alves Bastos, economista da Codevasf – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, Marcelo Ramos da Fonseca, biólogo da Universidade Federal da Bahia e Rosa Amélia Andrade Dantas, médica do trabalho e epidemiologista da UFS.

Sertão, sertanejos, histórias e tradições conduziram-nos ao aprimoramento de nossas técnicas de levantamentos etnogeográficos. Assim, elaboramos um roteiro de entrevista estruturado em três partes, as quais vislumbraram o modo de vida, pelo relato da história de vida; as expressões culturais, pelo relato de suas práticas religiosas, alimentares, econômicas etc.; e as aspirações pessoais, familiares e, ainda, para o lugar de moradia. Foram muitas as histórias e os relatos que nos faziam ‘viajar’ na construção de uma geografia cultural que naquele momento ainda aguardava a apreensão da ‘virada cultural’, expressiva e didaticamente exposta por Paul Claval.

Surpreendemo-nos com João Valentim ainda vivo, pois nos contaram tratar-se daquele que ‘vira’ lobisomem em dia de lua, assustando ‘meio mundo’ do sertão sergipano, mais conhecido e temido que o lendário Lampião, líder de um bando justiceiro que marcou a região Nordeste nas primeiras décadas do século XX e foi morto em uma dessas localidades descritas em nosso estudo. Surpreendemo-nos com a velocidade com que a caatinga vinha sendo retirada da paisagem e resguardada na memória: “a aroeira e a braúna são peças para levantar a casa. Depois a gente vem com o marmeleiro e envara a casa e por fim usa o pereiro para o enchimento da casa. Tudo de pobre, tudo de adobe” (povoado Maravilha, 1997, p. 41). Surpreendemo-nos, sobretudo, com o fato das potencialidades socioeconômicas estarem associadas às expressões culturais advindas do artesanato de herança indígena e portuguesa, produzido com os recursos oriundos da flora e da fauna e, por essa razão, as apresentamos como mecanismos de sobrevivência da cultura sertaneja.

O detalhe e a atenção ao outro, aos outros e às gentes pela dinâmica da cultura é delineador da produção de Maria Geralda. Tal característica pode ser exemplificada com muita visibilidade, no desbravamento do sertão dos Gerais de Goiás pelo projeto “Conhecimento etnogeográfico de comunidades tradicionais do cerrado” que se alongou de 2001 a 2011. Certamente, os sertanejos do semiárido sergipano inspiraram sua aproximação com as comunidades tradicionais dos gerais de Goiás que lhe proporcionaram outros voos. Se couber uma metáfora para sua atuação na Universidade Federal de Goiás eu arrisco, com pequena margem de erro que após 1999, ela voou alto e longe.

Iniciou a produção e organização de livros em decorrência de orientações, de participação em grupos de pesquisa, em projetos e em redes de estudos e cooperação acadêmicas. O marco da sua produção de livros se inicia com *Abordagens geográficas de Goiás – o natural e o social na contemporaneidade*, registrando uma grata homenagem à ambiência que lhe acolheu com reconhecimento de suas pegadas. Isso ocorre em 2002 e, já em 2003, a autora organiza duas coletâneas. A primeira advém das discussões do Grupo de Leitura de Turismo e da pesquisa “Os territórios do turismo no Estado de Goiás - diagnósticos e cenários futuros”, apoiada pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás, com o título “Paradigmas do Turismo” (2003a). Nela, abre a coletânea com o artigo “Lugares turísticos e falácia do intercâmbio cultural”, explanando as ambiguidades do turismo enquanto atividade enriquecedora de cultura, muitas das vezes para o viajante. Ademais, ela resgata sua reflexão em artigo produzido anteriormente e traz posicionamentos de geógrafos franceses, tendo Paul Claval como motivador por sua observância do turismo como possibilitador do encontro de diferentes povos. Observa, ainda nesse contexto, o turismo e a cultura pós-moderna em diálogo com A. Giddens (1991) e S. Connor (1992), no que trata os modos de vida da modernidade e da pós-modernidade; com M. Laplante, explanando sobre os fundamentos culturais do turismo em Quebec (1996); com S. Hall, abordando a fragmentação da cultura e das identidades (1997); e, com E. Yáziği (2000), sobre sua colocação de que a fantasia a qual se faz de um lugar faz parte da excitação do consumo turístico das sociedades pós-modernas. Na sequência, seu texto incita o leitor a refletir sobre o lugar turístico e a experiência cultural com a prática do turismo. Nesses âmbitos, A. F. Carlos (1996) ancora o entendimento do lugar como produto das relações sociais mediatizadas pelas relações homem e natureza e, assim, o turismo de quem visita, a experiência do visitado, o experienciado, o significado e as identidades são desenrolados nos exemplos que enriquecem o texto, observados pelas leituras de autores brasileiros e estrangeiros, mas, sobretudo, pela realidade goiana vivenciada com os desdobramentos do citado projeto sobre as comunidades tradicionais do cerrado e pelas referências às cinco produções acadêmicas do IESA, uma delas já sob sua orientação.

Observa-se que nas duas primeiras obras produzidas em seu *debut* na UFG, Maria Geralda ‘mostra’ a que veio aos goianos, ao embrenhar-se em fatos e fenômenos tão próprios desse espaço e, também, de que se ocupa e trata no contexto da Geografia Cultural: turismo, territórios, territorialidades e identidades.

Em maio de 2003, no Rio de Janeiro, a segunda coletânea foi pensada durante o encontro da “Comissão sobre enfoque cultural na Geografia”, realizado pela União Geográfica Internacional - UGI, momento em que sua estrutura é definida – leia-se os autores participantes –, bem como a



parceria em sua organização com Alecsandro Ratts, colega de IESA, acrescida da participação do então colega Carlos Maia. Antes que o ano terminasse, o livro *Geografia: Leituras culturais* (2003b) é editado e mostra Maria Geralda articulada com as Universidades Federais da Paraíba (Maria de Fátima Ferreira Rodrigues e Doralice Satyro Maia), de Uberlândia (Roosevelt José Santos), Unesp/Rio Claro (Solange de Lima Guimarães), mas, também, mantenedora de laços consolidados em suas caminhadas no Ceará (Eustógio W. Correia Dantas e Maria Clelia Lustosa Costa da UFC e Jorn Seemann da Regional do Cariri), em Sergipe (comigo, Maria Augusta Mundim Vargas) e em Laval, convidando Micheline Ladouceur, quem tive a oportunidade de conhecer, quando estava hospedada em sua casa.

Nesse livro, Maria Geralda contribui com o artigo *Em busca do poético do sertão: um estudo de representações* que, produzido inicialmente em 1998, traz alterações como o amadurecimento do tema. Nele sociólogos penetram as reflexões geográficas sobre as representações e, antenada, ela discute o espaço, a paisagem e as representações sobre o sertão, fazendo-nos encontrar com D. Jodelet (1991), R. Da Matta (1997), C. Brandão (1995), A. Sena (1998); historiadores como G. Arruda (2000); romancistas como Euclides da Cunha (1991) e J. Guimarães Rosa (1979); geógrafos que no momento produziam sobre a geografia cultural como P. Claval (1995), sobre paisagens como A. Berque (1990) e sobre lugares como A. F. Carlos (1996). A nossa leitura sobre a dimensão cultural do sertão sergipano está referenciada com duas produções e, no corpo do texto, as representações do sobrenatural são ilustradas com as aparições do citado João Valentim e, em conclusão, assevera:

As visões do sertão aqui reveladas pelos ‘de dentro’ como pelos ‘de fora’ evidenciaram as diferentes paisagens sobre o sertão: para os ‘de dentro’, ele constitui o espaço territorial natural socializado, o conhecido, o ‘nosso’ sertão; para os ‘de fora’, é um espaço natural ainda não socializado, o ‘lá’, imaginado e ignoto. Estes espaços propostos por Descolla são apresentados por Brandão (1995, p. 86).

É interessante ter constatado que foi durante esse Encontro da UGI que apresentamos nossa última produção sobre os desdobramentos da dimensão cultural, pesquisada no sertão sergipano, intitulada: *A construção da identidade territorial da mulher rural sergipana* (2003c). No entanto, Maria Geralda fez uma fala sobre alteridade que suscitou diversos posicionamentos. Com sua participação e registro do texto *Territórios identitários e alteridade socioespacial* (2003d), ela demarca sua contribuição com relação aos constitutivos do Lugar, do Território e das Territorialidades e, ademais, com relação ao processo construtivo de seu pensamento pela empiria: pelos encontros com gentes e pelas caminhadas entre paisagens e lugares desvelados por um olhar que se aguça a cada encontro.

3 ENCONTROS E CAMINHADAS

A geografia que caminha com Maria Geralda tem sede de conhecer lugares.
(Maria Augusta Mundim Vargas, setembro 2017).

Maria Geralda formou-se em Minas Gerais e das ‘minas’ manteve vínculos pela ascendência e descendência familiares, mas, também, pela lateralidade dos encontros. Iniciou uma vida profissional universitária no Acre, onde se embrenhou para daí especializar-se na geografia e nos trópicos pela batuta dos franceses e com os expoentes da Geografia brasileira, sendo auxiliada valorosamente pelo povo acreano, muitos deles cearenses, paulistas, goianos, rio-grandenses que, como ela, acreditaram numa nova vida no Acre.

Dentre suas raízes norte-mineiras, estão presentes em sua cozinha o “pequi em pote”, pronto para saborizar um prato, e as fotos de família em porta retratos de molduras trabalhadas em madeira. Se o visitante tiver ‘sorte’, é servido no café da manhã com um substancioso mingau de banana, típico das mesas acreanas.

Um ano após essa movimentada primeira década de atuação profissional, passou a atuar na Universidade Federal do Ceará. Sabiamente, e fruto de sua enorme capacidade de trabalho, ainda jovem, já havia construído uma rede de amigos, conhecidos e colegas, cuja tessitura triangulava o Brasil e aspirava mais que a França, iniciando pelos países africanos.

Nessa segunda década, nos anos 1990, Maria Geralda amadurece em seus quereres e mantém-se ampliando a rede de reconhecimento de sua capacidade de produção em projetos de pesquisa no Ceará e em Sergipe, na confecção e na abertura de convênios nacionais e internacionais sem, contudo, abandonar a sala de aula e as orientações, o que para mim, até o presente, é um milagre da multiplicação do tempo que somente Maria Geralda consegue.

Seu pouso em Goiânia fez transparecer que ali fixaria a morada definitiva com a compra de um apartamento amplo e caprichosamente decorado, com a ajuda de Maria Ivete Soares, prima da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, que cursava mestrado na UFG. Finalmente, seus pertences até então encaixotados entre Sergipe e Ceará foram expostos, tal como a coleção de máscaras decorando uma das paredes da sala, bibelôs de vários lugares aqui e ali, panos exóticos e, principalmente, quadros (nas casas anteriores não havia quadros) compuseram uma ambiência tão plural quanto sua dona. Na cozinha, prateleiras e armários com tampo de vidro exibem, entre louças, panelas e bebidas, os mundos visitados, vividos e experienciados. No *curriculum vitae*, uma ampla produção conjunta com os colegas goianos das mais variadas vertentes da geografia: Tadeu



Arrais e Gisele, Manoel Calaça, Celene Barreira, Lana Cavalcanti, Eguimar Chaveiro, João Batista de Deus e os já citados Carlos Maia e Alecsandro Ratts.

Assim, como tão simplesmente é dito por Mia Couto, em *O último voo do flamingo*, “o mundo não é o que existe, mas o que acontece”, Maria Geralda faz acontecer ‘vivendo entre lugares’. Dos primeiros anos do novo milênio até o presente, renovou-se em muitos e tantos fazeres como quem tem pressa, mas não se desfaz do rigor e do detalhe, como quem supervisiona tudo, mas acolhe a todos sem impor uma hierarquia, como quem sabe onde estão todos como posse – textos, pessoas, roupas, malas, livros, comidas, flores, etc., etc., mas promove entregas e encontros em comoventes desapegos.

Como uma queda d’água é suave e forte, vivenciei com alegria a força do percurso de Maria Geralda da Associação dos Geógrafos Brasileiros (2004-2006) para a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ANPEGE (2009-2011); do pós-doutoramento em Barcelona (2006-2007) para a participação em Redes tais como a de estudiosos brasileiros com NEER - Núcleo de Estudos sobre Espaço e Representações; a RELISDETUR – Red Latinoamericana de Investigadores en Desarrollo y Turismo (Argentina, Costa Rica, México, Brasil, Chile, Colômbia e Guatemala); a RETEC Red Internacional de Estudios de Territorio y Cultura (Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, França, México, Peru e Venezuela); o Grupo de Investigación de Análisis Territorial, da Universidad de Santiago de Compostela - España - GI-1871; a RECIF – Red Internacional de Investigadores en Estudios de Fiesta, Nación y Cultura.

Considerando tais registros, alguns leitores podem argumentar que essas informações são encontradas em seu *curriculum vitae*, mas será que todos terão a noção de como se deram tantos contatos? No seu *curriculum* também pode ser observada sua produção em números, com 88 artigos completos publicados em 48 periódicos; 12 livros e 63 capítulos, dentre estes, com 46 co-autores, com minha participação mais frequente com 4 produções, seguidas de Geisa Mendes, Solimar Bonjardim, Isis Lustosa, Clarinda Silva e Sonia Menezes com 3 produções cada. No âmbito das orientações, Maria Geralda formou 20 doutores e 67 mestres nas Universidades Federais de Pernambuco (4), dentre eles, Zuleika Arruda; Ceará (4), dentre eles, Francisco Djacyr; Sergipe (31), dentre eles, Rita Leolinda Anjos e Carlos Cunha pelo Prodema; Eraldo Ramos, Josefa Lisboa, Sonia Menezes, Antônio Marcos, Célia Regina, Amanda Marques e Geisa Mendes pelo PPGE0; e na de Goiás (39), dentre eles, Eliseu Brito, Rosiani Mota, Evanildo Cardoso, Maisa Teixeira, Maria Idelma D’Abadia, Mary Anne Silva e Jorgeanny Moreira.

Assim sendo, mais uma vez recorro a Mia Couto para retratar a Maria Geralda de tantas andanças. Em *Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra*, ele anuncia com versos de João

Cabral de Melo Neto que “Acordar não é de dentro. Acordar é ter saída” e, mais adiante, o avô Mariano diz-lhe “O importante não é a casa onde moramos. Mas aonde, em nós, a casa mora”. Ora, Maria Geralda permanece acordada, para muitos ela nem dorme mesmo! Beneficiada pela boa memória, acolhe para si a diversidade e, como as identidades, ela segue em sua morada, em constante transição, costurando sua cultura com tantos e distintos vínculos, anotando costumes, tradições, festas, mobilidades, tal como dito em 2009, em *O sonho da conquista do velho mundo: a experiência de imigrantes brasileiros do viver entre territórios*:

O processo de desterritorialização começa na terra natal – no caso, o Brasil –, quando o indivíduo principia a sonhar e sair daquela situação o que o incomoda. A fratura do pertencimento acontece com a decisão de desfazer-se dos bens materiais, culturais e afetivos, para empreender a busca de refazer a vida em melhores condições. [...]. Finalizamos afirmando que o processo de inserção nesses territórios mundializados cria indivíduos imigrados, tais como os brasileiros em Barcelona. Ou seja, eles vivem em realidades multiescalares participando de múltiplas territorialidades ou interterritorialidades, como propõe Vanier (2008). Como lemos nas palavras de Delgado Ruiz (2000) na epígrafe, o imigrante está aqui, mas de alguma maneira ele também está em outro lugar (ALMEIDA, 2009a, p. 171-173)³.

Dentre as entregas e encontros comoventes, distingo a sua disposição em captar, em 2008, recursos e assumir a coordenação geral do projeto “A dimensão territorial das festas populares e do território: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe” que, como sinaliza o título, envolveu as Universidades Federais desses estados, estando eu na coordenação sergipana e Christian Dennys Oliveira, na cearense. O projeto, carinhosamente nomeado pelas equipes de Pró-Cultura (nomenclatura do edital), proporcionou a formação de muitos mestres e doutores⁴, gerou um site para abrigar as informações e produtos gerados, elaborou um atlas das celebrações e, ainda, promoveu encontros entre a academia e os produtores de cultura. Seu início ocorreu no final de 2009 e, mesmo tendo encerrado relatórios com as agências de fomento, continua colhendo frutos: permanecemos envolvidas com pesquisas e orientações sobre manifestações culturais tradicionais e, em Sergipe, o Fórum Patrimônio e Festas já se encontra em sua 6ª edição.

³ A esse respeito, ver também *Novas territorialidades ou múltiplas territorialidades – trabalhadores brasileiros em Barcelona* (ALMEIDA, 2008a).

⁴ Ver artigo *A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe* (ALMEIDA; VARGAS; OLIVEIRA, 2011a). Os bolsistas do Projeto se titularam Mestres e, outros discentes, sob a orientação dos coordenadores, encontravam-se da formação de iniciação científica ao doutorado. Da UFG: Daniele Jesus, Isabelle Bretas, Jorgeanny Moreira, Luana Lima, João Curado, Maisa Teixeira, Maria Idelma D’Abadia, Mary Anne Silva, Márcia Pela, Rosiani Mota, Tereza Lobo, Caio Sena, Charline Marertens, Eliakim Gomes, Jakeline Pinto, Leila Bastos, Lívia Mendes; da UFS: Angelafagna Souza, Auceia Dourado, Benizario Junior, Eliete Silva, Izabella Correa, Jorgenaldo Santos, Marister Loureiro, Rodrigo Heles, Rodrigo Lima, Ronilse Torres, Rosana Siqueira, Roseane Gomes, Solimar Bonjardim, Vanessa Costa, Adriane Damascena, Aline Gomes; da UFC: Glaumer, John, Icla, Helion e Vladia Evans.



Todavia, o Projeto Pró-Cultura fez-nos amadurecer conceitual e metodologicamente, já que a construção conjunta de um caderno de procedimentos rendeu grandes encontros com as equipes. As festas, tomadas como fenômeno e objeto de estudo da Geografia, proporcionaram reflexões e discussões sobre territorialidades e territórios; sobre a paisagem que se constrói pelas festas, que se mostra pelos signos, cheiros, cores e pela memória; sobre patrimônio e patrimonialização, assim como espetacularização. Esses recortes conceituais tomaram corpo no desvelamento das festas populares levantadas nos estados e visibilizadas com desdobramentos gratificantes na produção acadêmica, pelas orientações de graduandos a doutorandos, mas sobretudo, na produção de Maria Geralda.

Dentre tantos lugares e tantas moradas, Maria Geralda fez pouso como professora visitante e/ou pesquisadora colaboradora, fruto de parcerias e convênios propostos, muitas das vezes por ela, em várias instituições do Brasil, como nas Universidades Federal de Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Amapá, Acre; e nas Estaduais do Ceará e Montes Claros; e, no exterior, nas Universidades Metropolitana (México), Autônoma do Estado do México, Nacional de Cuyo (Argentina), de UniCaldas (Colômbia), no Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento - IRD (França), na UQuebec (Canadá). Participou, nos últimos anos, como professora e pesquisadora, de convênio com a Universidade de Moçambique e, dentre os últimos firmados, destaca-se sua participação pela geração de informações, formação acadêmica e pela troca de informações, os convênios (aqueles nomeados ‘casadinhos’) com a Universidade de São Paulo e a Federal do Tocantins. Em todos há registros de artigos, livros, orientações e relatórios.

E, dentre a vasta e variada produção, o leitor atento se dá conta de que ela mantém na essência de sua produção dois eixos temáticos que lhe renderam reconhecimento, pela coragem e pela pluralidade de olhares que debruçou e ainda persevera sobre “turismo” e “tradições”, numa permanente colaboração com a Geografia que para ela, no texto *Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo - uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo* (2008b, p. 316):

A geografia, repetindo, é um conhecimento (representação elaborada pelos geógrafos) do conhecimento (das formas que as sociedades e pessoas traduzem em imagens suas experiências do espaço vivido). Esta geografia, consciente de sua subjetividade, busca nos discursos, nas práticas espaciais, nas representações dos homens, suas racionalidades e sentimentos de pertencimento, as coerências e contradições para conhecimento do lugar, das regiões e dos territórios.

Nesse artigo, dialoga com Rogerio Haesbaert (1999, p. 172) que parte do pressuposto geral de que “toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente do território [...]” e argumenta que:

O território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural [...] tratamos de um território multiescalar, aberto para acolher a diversidade de combinações espaciais que tecem as sociedades com a experiência individual na superfície terrestre. Acresce-se que ele é dotado de uma historicidade caracterizada por seus ritmos específicos (2008b, p. 318-319).

Ora, observa-se que o turismo cresce em sua obra tanto quanto suas andanças pelo mundo. Nesse ‘momento’, carece-lhe um olhar 360°, uma inspiração retrospectiva que proporcionasse a expiração analítica e, assim, produz “*Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural*”, com as seguintes considerações finais:

Vivemos, segundo Jameson (1991), no hiperespaço, um domínio no qual a experiência local não mais coincide com o lugar onde ela acontece, nos lembra MacDowell, aturdindo os seguidores de Sauer [...] o atual desafio para os geógrafos culturalistas é investigar como as interconexões entre forças globais e particularidade local alteram os relacionamentos entre identidade, significado e lugar. Outros questionamentos são sobre as maneiras como um sentimento de identidade, comunidade e nacionalidade permanecerá enraizado em um lugar (ALMEIDA, 2008c, p. 51).

Nesses últimos dez anos, o apartamento amplo de Goiânia vem se prestando como repositório de suas aquisições: a biblioteca tem prateleiras desde o teto; na cozinha, uma mesa se presta a receber garrafas, vidros, potes, pacotes de especiarias do mundo visitado, que traz consigo pelo prazer de saborear os pratos juntamente com relatos ‘daquele’ lugar. Na sala uma mesa de ferro, trabalhada como os galhos de um ébano, tem ao centro uma bandeja redonda giratória que, ao receber os inúmeros potinhos com os quais normalmente serve, provoca ao visitante a vontade de provar e provar até se saciar, de iguarias com sabores marcantes, pois ela tem predileção para com a culinária de países que lhe acolheram ‘pela boca’ como México, Míamar, Moçambique, Senegal e Mongólia, dentre outros. Nos potes ou nos minuciosos relatos de receitas, degusta-se à mesa de Maria Geralda um frango ao molho de chocolate com pimenta ou um carril de amendoim, legumes no vapor saborizados com redução de abacaxi; para abrir o apetite, infusão de canhum (bebida alcoólica), uma boa pinga ou então, pedaços de manga no molho de pimenta; peixe marinado com tamarindo, carne de rinoceronte, embutido de javali... Entre um e outro preparo – leia-se viagens



longas e em outros países –, como naqueles da Europa profunda, as incursões aos quintais dos kalungas e assentamentos goianos, colorem e saborizam igualmente sua mesa com abóboras, quiabo, pequi, orapronobis, mandioca, milho, etc., etc.

Essa coexistência com a diversidade é assertiva no texto *Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo*. Vejamos:

A paisagem é uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura. [...]. Há uma diversidade de paisagens culturais no mundo rural brasileiro [...]. Pode-se afirmar que as paisagens constituem-se em patrimônios [...] e como tais, se caracterizam por serem, simultaneamente, patrimônios materiais e imateriais, permanentes e cambiantes. [...]. Nesse texto busca-se discutir as paisagens e identidades territoriais, ou melhor, a etnoterritorialidade do sertanejo do sertão brasileiro. Claval (1995) ilumina essa discussão ao afirmar que é pela cultura que as populações fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território (2008d, p. 47-48).

Boa contadora de histórias, ela soube trazer em seus textos o som das festas, as carências e as potencialidades dos lugares, tendo como ancoragem a dinamicidade da cultura, como o fez no texto *A geografia imaginária dos lugares turísticos*:

Cultura turística seria pois, para Jafari (1985), o estado de espírito marcando as formas de pensar, de agir, de sentir durante a seqüência animação. É através do filtro da cultura turística predominante que ele “freqüentará” a cultura local, aquela das pessoas e do lugar que o acolhe. Quando as diferenças entre o lugar de vida e o lugar de alteridade se estreitam o turista pode optar-se por permanecer fiel ou por mudar. Ao buscar alhures o diferencial desejado, a descoberta de outro exotismo, distintos dos locais até então conhecidos, isto possibilita outro nível da difusão espacial do turismo. Desta maneira a prática turística participa ativamente na produção espacial. É a cultura que atribui significado subjetivo ao turismo, conforme já o disse anteriormente (ALMEIDA, 2006, 1998). Soma-se a isso a dimensão econômica que ressignifica os aspectos cultural e natural para o turismo (ALMEIDA, 2009b, p. 4).

Em decorrência das vivências desses anos, após meados da década de 2000 e das orientações sobre manifestações em pequenas comunidades, contribui com reflexões a respeito, como no artigo *Festas rurais e turismo em territórios emergentes*, registrando que

O patrimônio cultural convive com a concepção de contemporaneidade e seu uso e desfrute atual está muito vinculado ao turismo. A atual turistificação do patrimônio contribui para sua mercantilização. O valor que os bens culturais possuem, por um lado, é o que a sociedade por suas práticas sociais lhe atribui e, por outro lado, é o definido pelos interesses da lógica do mercado. Assim, o turismo, na sua lógica consumista, reinventa o patrimônio cultural. [...] A dinamicidade do turismo e os

avanços dessa atividade, guiados por interesses e motivações que se espraiam em espaços independentes do rural ou do urbano, tornam-no uma nova atividade econômica propícia para desenvolver seus objetivos. Campanhola e Silva (1999) defendem a idéia de que o turismo no meio rural é uma forma de valorização do território. Essa consideração contribui para a proteção dos recursos naturais e para a conservação do patrimônio natural, histórico e cultural do espaço rural. É o caso das festas rurais em vários locais do país como as festas juninas, as congadas, as folias rurais, as catiras, as romarias e os festejos dos santos padroeiros, as quais atribuem aos espaços identidades territoriais e valorizam os bens culturais (ALMEIDA, 2011b, s/p.).

No trato com as tradições, ela traz a modernização desde sua tese, abrindo caminhos de entendimentos pelo pertencimento a lugares, pelas territorialidades, pela observância de paisagens, fronteiras, povos e comunidades. Desse modo, os Kalungas têm destaque em suas produções, sobretudo em suas orientações, pois, nelas, a ‘leitura’ de seu pensamento é esclarecedora de sua importância. É o que se constata nos extratos de textos produzidos por duas de suas orientandas. Ao estudar os sentidos da religião protestante para os Kalungas, Rosiane Mota (2016) faz a seguinte leitura dos textos de Maria Geralda:

Almeida (2010a) considera os membros da Comunidade Kalunga como povos cerradeiros⁵ Ela dá esta denominação aos Kalunga porque estes ‘reconhecem a herança cultural e o local de vivências com suas características naturais, como definidores de seu grupo social e de sua identidade territorial’ (ALMEIDA, 2010a, p.43). A Comunidade constitui em conjunto com a dinâmica de produção de suas identidades, um território identitário. De acordo com a autora, os ‘territórios identitários estão contidos no território do Cerrado. Como territórios identitários eles se caracterizam pelo papel primordial da vivência e pelo marco natural, o Cerrado [...]’ (ALMEIDA, 2005, p. 338)⁶. O território identitário Kalunga é produzido nas localidades e nos agrupamentos do Sítio Kalunga. As identidades territoriais são constituídas no contexto das territorialidades estabelecidas no Sítio, e mesmo com o protestantismo elas podem manter-se vivas de maneira ressignificada (MOTA, 2016, p. 80).

Já Jorgeany Moreira (2011, p. 6), observando o contexto de reprodução das festas dos Kalungas, constrói sua produção acadêmica apreendendo de Maria Geralda que, “apesar da perda de algumas de suas práticas simbólicas, os Kalunga do Engenho II se expressam ricamente e mantém vivos costumes no trabalho, danças, rezas e manifestações religiosas, que relatam no

⁵ Trata-se da nota nº 70 de Mota: “A autora baseia-se no conceito de Bertran (2000, p. 18) no qual afirma o povo ‘cerradeiro ou cerratense’ ser ‘por excelência um homem barroco. Criado nos ocios sertanejos: acredita em liberdade, sua natural condição: daí a dificuldade em aceitar trabalho de rotina ou qualquer trabalho”.

⁶ Trata-se da nota nº 71 de Mota: “Para a autora os territórios identitários ‘seriam tanto espaços de sociabilidade comunitária como refúgios frente às agressões externas de qualquer tipo’ (ALMEIDA, 2005, p. 338). Concorde-se com Almeida (2008) no que ela afirma sobre a identidade cultural. De acordo com a autora esta ‘dá sentido ao território e delinea as territorialidades. A territorialidade, por sua vez, pode definir uma relação individual ou coletiva ao território, se apóia sobre as paisagens e revela uma etnogeografia sertaneja’ (ALMEIDA, 2008b, p. 320)”.



tempo-espaco festivo sua história”. Dessa forma, “a sociabilidade local é construída por meio de agrupamentos de famílias, vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades festivas” (MOREIRA, 2011, p. 6 apud ALMEIDA, 2010b, p. 14).

Com efeito, em recente produção, Maria Geralda adensa o olhar e o pensar sobre os lugares do mundo e os traduz nos quintais kalungas:

Almeida (2003b, p. 79), apoiando-se em Escobar (1999, p. 96), considera que biodiversidade é “Território Culturalizado”, aquele que é primeiramente apropriado pela cultura das populações tradicionais que se relacionam intensamente com a natureza. A biodiversidade tem uma parte considerável criada e mantida por grupos sociais cujas práticas de gestão dependem de saberes que não podem ser reduzidas a uma única dimensão naturalista, pois a cultura é determinante nos usos feitos da natureza (ALMEIDA, 2003, EMPERAIRE et al., 2008). [...] Ao propor o quintal como lugar, deve-se levar em conta a afirmação de Tuan (1983, p. 15), que defende o valor do lugar, e esse depende da intimidade da relação humana, e “na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado”. As plantas e as criações têm sentido para a mulher Kalunga, que sabe suas utilidades e como prepará-las, e conhece seus efeitos. Para essa pessoa, o quintal tem um significado, pois as plantas e os animais que ali se encontram inserem-se na sua vivência. O quintal como lugar não está de forma alguma desvinculado do global, considerando a afirmação de Carlos (1996) de que o mundial se concretiza no lugar, é ali que ele ganha expressão. Pode-se afirmar que o quintal é também território e diretamente influenciado pelas relações que ocorrem em uma escala geográfica maior, uma vez que as plantas dependem das águas dos rios e fatores climáticos de escala regional, nacional e de impacto global (ALMEIDA, 2016a, § 6, 24 e 25).

Os quintais bascularam de tal forma o olhar de Maria Geralda que, como revolvendo ‘terras’ passadas, detalha o foco para o papel das mulheres na formação e manutenção deles. Relacional ao cotidiano e ao sentido de vida, ela me insere como colaboradora no projeto de extensão interdisciplinar no qual fui solicitada a ministrar oficinas intituladas “Quintais patrimônio: referências de saberes de mulheres assentadas/Vão Paranã-GO”, objetivando integrar as mulheres participantes através de atividades lúdicas.

A oficina transcorreu em fevereiro de 2017, nos municípios de Posse e Mambáí, situados no Nordeste do estado, próximos à Bahia. Fato enriquecedor foi conhecer a realidade de assentamentos da reforma agrária pelos depoimentos das mulheres e de suas famílias e, apreendê-la tão distinta dos assentamentos sergipanos, mas tendo o apego pela terra como fio condutor de suas existências. E, na terra, os quintais com seus sentidos e seus sabores. Em meio a essa experiência, Maria Geralda comandou quatro orientandas, da graduação ao doutorado, com o olhar atento às suas colocações, maneiras de anotar, posturas, sabatinando, a cada instante, sobre suas observações e compreensões.

Sua postura é essa, desde os alunos em sala de aula aos professores universitários que convivem sob sua orientação.

Dos quintais dos kalungas aos quintais dos assentamentos da reforma agrária, inflecte seu olhar para o papel das mulheres para suas existências, composições e formas, já que, no artigo *Mulheres rurais – a descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos quintais*, expõe:

O quintal, para aqueles que circulam pelo meio rural, é o espaço dos saberes. É nele que a mulher, sobretudo, reproduz seus conhecimentos com as plantas, sejam plantas medicinais ou alimentos. Conhecimentos adquiridos historicamente, passados por gerações, de mãe para filha, de avó para neta. É, portanto, espaço cultural, simbólico e de segurança alimentar. Esta reflexão está em consonância com Carlos (2007, p. 14), que, com base em Divignaud (1977), afirma que o espaço nos remete aos conjuntos vivos, nascidos da prática e compostos pelo dinamismo de cada nova geração, seja em sua dimensão da imensidade nômade ou daquela da cidade ou ainda das toponímias, ‘o espaço se compõe de experiências além de permitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram marcas, projetaram suas utopias, seu imaginário’. Os quintais de assentados são lugares onde as experiências, as práticas dos saberes e a vida acontecem. As mulheres podem deixar suas marcas ao perpetuarem os saberes sobre as plantas, passando-os para novas gerações. Ao entender o quintal como lugar, nos inspiramos na afirmação de Tuan (1983, p. 155), o qual diz que o valor do lugar depende da intimidade da relação humana, e que ‘na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado’. Ou seja, as plantas têm sentido para a mulher assentada que sabe suas utilidades, sabe prepará-las e conhece as fases de crescimento das aves e animais, bem como o período da florada da mangueira e quando pode colher a jaca ou esperar o pequi cair no chão para consumi-lo. Para essa pessoa, o quintal tem um significado, pois os objetos, no caso as plantas e criações, são comuns de sua vivência (ALMEIDA, 2016b, p. 148).

Entre o ano de 2016 até setembro de 2017, Maria Geralda publicou 10 artigos completos em periódicos, entrelaçando as tradições e o turismo com abordagens sobre o patrimônio, as festas, as mulheres e segurança alimentar, vivendo entre lugares, valorizando paisagem (esses últimos, capítulos de livros) e, sobretudo, consolidando seu olhar atento e o pensamento relacional. Vale, no contexto de sua obra, sublinhar Paul Claval, Ana Fani Carlos e Y-Fu Tuan, como os autores que se mostram basilares na condução multiescalar e multiconceitual de seus textos e, a recorrência de outros, com destaque para Maura Penna, Guy Di Meo e Dennis Cosgrove.



4 DIMENSÕES DO SENTIDO DE LEALDADE

A geografia que caminha com Maria Geralda tem pressa!
(Maria Augusta Mundim Vargas, setembro de 2017).

Ela não conversa expondo ou emitindo opiniões. E o faz muito bem quando escreve. O diálogo com ela ocorre desde que o conduza, pois se sucede com suas perguntas encadeantes, uma atrás da outra, um fato levando ao outro e, no fio da meada da resposta do interlocutor, outra e mais outra questão é posta até que a ‘conversa’ seja interrompida, por algo externo à sua vontade de continuar perguntando. Isso significa dizer que tanto quanto as paisagens, as pessoas que encontra são fontes inspiradoras pela aceitação ou pela motivação de algo novo que, no momento da conversa, está no devir.

Portanto, é desta forma que findo este artigo, com a sensação de algo interrompido. Se fragmentado, tendencioso, parcial, míope ou embaralhado, vale ressaltar que para mim foi indescritivelmente prazeroso.

Creio que expus e o leitor apreendeu Maria Geralda como observadora, meticulosa, determinada e destemida, seja pelos encontros ou pelas andanças e caminhos percorridos, inspiradores tanto da diversidade de sua produção quanto das cores e sabores que de sua pessoa exalam. Da imensidão da floresta amazônica às infinitas possibilidades dos quintais kalungas e das mulheres dos assentamentos do Vão Paranã, inumeráveis Marias Geraldas e imensa a sua Geografia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Recherches bibliographique signalétiques sur les modes d'utilisation du sol en milieu forestier tropical humide**. Memoire du Diplôme d'Études Approfondies de Géographie – DEA. Université de Bordeaux III, França, 1982.

_____. **Experiences de colonisation rurale dans l'état d'Acre en Amazonie bresilienne**. 1985. Tese (Doutorado em Geografia). Université de Bordeaux III, França, 1985.

_____; VARGAS, M. A. M.. **Sertão do Baixo São Francisco sergipano: Dimensão cultural**. Programa de Estudos Interdisciplinares, vol. 8. Relatório (Convênio 05.95.0023/00) Codevasf/UFS/Seplantec-SE, Aracaju: 1997.

_____. Cultura, invenção e construção do objeto turístico. In: **Espaço Aberto 3**, Turismo e formação Profissional. Fortaleza: AGB/FUNCAP, 1998. pp. 17-31.

_____; VARGAS, M. A. M.. **Expressões culturais**: vale do rio São Francisco – região dos tabuleiros costeiros e pediplano sertanejo. Programa de Estudos interdisciplinares. Relatório (Convênio 05.95.0023/00 Codevasf/UFS/Seplantec-SE), Aracaju: 1999.

_____. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: ALMEIDA, M. G. de *et al.* **Paradigmas do Turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 11-19.

_____. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, Alecsandro. **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 71-88.

_____; VARGAS, M. A. M.. A construção da identidade territorial da mulher rural sergipana. In: **Dimensões Históricas da Relação entre Espaço e Cultura**, 2003, Rio de Janeiro. União Geográfica Internacional. Comissão sobre o Enfoque Cultural na Geografia, 2003c.

_____. Territórios Identitários e Alteridade Socioespacial. In: **Dimensões Históricas da Relação entre Espaço e Cultura**, 2003, Rio de Janeiro. União Geográfica Internacional. Comissão sobre o Enfoque Cultural na Geografia, 2003d.

_____. A captura do cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. de (Org.). **Tantos cerrados**: múltiplas abordagens sobre biodiversidade e singularidade. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. pp. 321-347.

_____. A produção do ser e do lugar turístico. In: SILVA, J. B.; LIMA, L. C.; ELIAS, D. (Orgs.). **Panorama da Geografia Brasileira** 1. São Paulo: Annablume, ANPEGE, 2006, p. 109-122.

_____. Novas territorialidades ou múltiplas territorialidades? Trabalhador brasileiro em Barcelona. In: **Scripta Nova** (Barcelona) v. VII, 2008a, s/p.

_____. Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo -Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, A., (Org.) **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações, Salvador: EDUFBA, 2008b. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523211899-15.pdf>>. Acesso em: julho de 2017.

_____. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. In: **Revista GeoNordeste** (UFS), v. 1, 2008c, p. 33-54.

_____. O sonho da conquista do velho mundo: a experiência de imigrantes brasileiros do viver entre territórios. In: ALMEIDA, M. G. de; CRUZ, B. N. **Território e cultura**: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG; Manizales: UniCaldas, 2009a, p. 54-62.

_____. A Geografia imaginária dos lugares turísticos. In: **Anais XIII Simpósio de Geografia Física Aplicada**. Universidade Federal de Viçosa, 2009b, p. 1-10.

_____. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados - os kalungas de Goiás. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Org.). **Cerrados**: perspectivas e olhares. Goiânia: E. Vieira, 2010a.

_____. Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. In: **Ateliê Geográfico** (UFG), v. 4, p. 36-63, 2010b.

_____; VARGAS, M. A. M.; OLIVEIRA, C. D. M. A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe. In:



XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2011, San José. Anais XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2011a.

_____. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. **Biblio3w** (Barcelona), v. XV, p. 919, 2011b.

_____. Comunidade tradicionais quilombolas do nordeste de Goiás: quintais como expressões territoriais. In: **Revista Franco Brasileira de Geografia**, n. 29, 2016. Disponível em: <<https://confins.revues.org/11392>>. Acesso em: julho de 2017. 2016a.

_____. Mulheres rurais – a descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos quintais. In: **Revista GeoNordeste**, ano XXVII, n. 2, 2016. p. 138-161. 2016b.

MOREIRA, Jorgeany de F. R. Paisagens culturais e territorialidades no espaço festivo dos quilombolas kalunga em Cavalcante – Goiás. In: **Anais XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, UFBA, 2011.

MOTA, Rosiani Dias. **O protestantismo nas territorialidades e na identidade territorial da comunidade quilombola Kalunga – Goiás**. Tese. (Doutorado em Geografia) IESA/UFG, 2016, 342 p.

SILVA, Clarinda A. da; ALMEIDA, M. G. de. Goiânia 'cidade sertaneja', 'capital country': mídia, representações sociais e identidades. In: **Habitus** (Impresso), v. 8, p. 59-84, 2010a.

REFERÊNCIAS CITADAS POR MARIA GERALDA

AB´SABER, A. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. In: FERRI, M. G. **III Simpósio sobre Cerrado**. Ed. Edgard Blucher e Ed. USP, 1971, p. 1-14.

ARRUDA, G. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru: Edusc, 2000.

BRANDÃO, C. R. Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO C. R. (Org.). **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: UFRGS/UNISC, 1994, p. 160-184.

BERQUE, A. **Médiance: de milieux en paysages**. Montpellier: Reclus, 1990.

BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central**. 2a edição: Brasília, Editora Verano, 2000.

CAMPANHOLA, A. C., SILVA, J. G. Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor. In: OLIVEIRA, C. (Org.). Anais do 1º Congresso Brasileiro de Turismo Rural: **Turismo no espaço rural brasileiro**. Piracicaba, 1999.

CARDOSO, F. H.; MULLER, G. **Amazônia: expansão do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CARLOS, A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, P. **La Géographie culturelle**. Paris: Nathan, 1995.

- CONNOR, S. *Cultura Pós-Moderna. Introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.
- COSGROVE, Denis. A Geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto L; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123
- CUNHA, E. **Os sertões: campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- DA MATTA, R. Em torno da representação da natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: BOURG, D. (Dir.). **Os sentimentos da natureza: perspectivas ecológicas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- DELGADO RUIZ, M. Inmigración, etnicidad y derecho a la diferencia: la antropología y la investigación de 'minorías culturales' en contextos urbanos. In: CHECA, F. (Coord.) **Convivencia entre culturas: el fenómeno migratorio en España**. Sevilla: Signatura Demos, 2000. p. 119-150.
- DEMANGEOT, J. **Les espaces naturels tropicaux**. Paris: Masson, 1976.
- DI MEO, Guy. **Géographie sociale et territoires**. Paris: Nathan Université, 2001.
- DUVIGNAUD, Jean. **Le dondurien-essai d'anthropologie de la fêta**. Paris: Plon, 1977.
- EMPERAIRE, L., Robert, P. de, Santilli, J., Eloy, L., Van, V. L., Katz, E., Lopez, C., Laques, A. E., Cunha, M. C., Almeida, M. Diversité agricole et patrimoine dans le moyen Rio Negro (Amazonie Brésilienne). **Les Actes du BRG**, v. 7, p. 139-153, 2008.
- ESCOBAR, A. **El final del salvaje: naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología/CEREC, 1999.
- FOUCHER, M. La mise en valeur de l'Amazonie brésilienne. In: **Problèmes de l'Amérique Latine**. Paris, XXXIII, n. 4, s/d, p. 71-93.
- FUNNES, E. **Nasci nas matas, nunca tive senhor - História e memória dos mocambos do baixo Amazonas**. 1995. Tese (Doutorado em História), FFLCH-USP, São Paulo, 1995.
- GEORGE, P. **Précis de géographie rurale**. Paris: PUF, 1967.
- GOUROU, P. **L'Amérique tropicale et australe**. Paris: Hachette, 1976.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999.
- HALL, S. **Identidades Culturais na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA Ed., 1997.
- JAMENSON, F. **Post-modernism, or the cultural logic of late capitalism**. London: Verso, 1991.
- JAFARI, J. **The tourism system**. The theoretical approach to the study of tourism. Ann Arbor, University Microfilm International, 1985.



JODELET, D. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1991.

MACDOWELL, L. A transformação da geografia cultural: In: GREGORY, D. *et al* (Org.) **Geografia humana** – sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro, 1995.

PANDOLFO, C. **A floresta amazônica brasileira** (enfoque econômico-ecológico). Belém: SUDAM, 1978.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

SAUER, C. **The morphology of landscape**. University of California Publications in Geography, 1925, vol. 2, p. 19-54.

SENA, S. A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. In: **Revista Ciências Sociais** – Sociedade e Cultura, v. 1, n. 1, 1998, p. 19-28.

SOMBROEK, W. C.; LEMOS DE OLIVEIRA, P. **Amazon soils**: a reconnaissance of the soils of the brazilian amazon region. Wageningen. Centre for Agricultural publications and Documentation, 1966.

THERY, H. **Rondonia**: mutations d’un territoire fédéral - en Amazonie brésilienne. (Tese) École Normale Supérieure, Paris, 1976.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a expectativa da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VALVERDE, O. Sistemas de roças (agricultura nômade ou itinerante). In: **Finisterra** vol. III, n. 6, 1968, p. 225-239.

VANIER, M. **Les pouvoirs des territoires**: essais sur l’inter territorialité. Paris: Economica Anthropos, 2008.

VELHO, O. G. **Frentes de expansão e estrutura agrária** - Estudo de progresso de penetração numa área da Transamazônica. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1981.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar** – Turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2000.